

a cidade de Ugarit. L. Sancho, A. Sevilla e G. Fontana contribuem com estudos da área clássica (Grécia e Roma).

Como facilmente percebemos, o produto final está de facto ainda bem longe de uma eventualmente desejada História da Infância na Antiguidade, de que falávamos acima, na sequência das reflexões do próprio coordenador do volume. Mas como notámos também, o trabalho já desenvolvido e aqui apresentado é da maior qualidade e indica o caminho a seguir. Os textos estão aí, apresentando propostas de interpretação, abrindo vias de investigação e sugerindo problemáticas e métodos para mais investimento no estudo das crianças e do seu mundo na Antiguidade. Por conseguinte, só podemos elogiar o esforço e os resultados alcançados pelos colegas de Espanha, na expectativa de que esta seja apenas a primeira de muitas obras ali publicadas sobre o tema.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

MARK MASTERSON, NANCY SORKIN RABINOWITZ et JAMES ROBSON eds. (2015) *Sex in Antiquity. Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. Oxford, Routledge, 567 pp. ISBN 978-0-415-51941-0 (£158.00).

Concebido à maneira de *Companion*, ainda que não o seja em absoluto, este *Sex in Antiquity*, em boa hora publicado pela prestigiada casa Routledge, integra a série *Rewriting Antiquity* e tem como objectivo principal proporcionar aos leitores, mais ou menos especialistas da Antiguidade, um estado da questão das matérias abordadas. De certo modo, poderemos argumentar a propósito desta publicação que esse objectivo, em língua inglesa, foi já alcançado pelo igualmente excelente *Companion to Greek and Roman Sexualities*, coordenado por T. K. Hubbard e publicado pela Blackwell em 2014. Há, no entanto, uma diferença assinalável entre ambas as obras e que deve ser destacada: enquanto o livro da Blackwell é um *Companion* para o estudo da sexualidade no mundo grecorromano, estaproposta da Routledge é mais abrangente, propondo análises mais específicas do que «meros» estados da questão, e incluindo o Próximo Oriente Antigo. O objecto aqui tratado, portanto, diz respeito à Antiguidade *tout court*.

O livro está assim estruturado em três partes, o que não deixa de revelar um certo desequilíbrio nas opções de síntese. Pois apesar de a Antiguidade Pré-Clássica estar aqui incluída, não deixa de haver um peso considerável da Antiguidade Clássica. De qualquer modo, tendo em conta o panorama historiográfico geral no que diz respeito a esta matéria, parece-nos louvável a opção da Routledge e dos coordenadores do volume.

A primeira parte, disposta sob a rubrica *Ancient Near East*, inclui cinco textos de especialistas reconhecidos nas matérias sobre as quais escrevem, como S. L. Budin e G. Leick. Aqui, encontramos textos sobre a reprodução e a sexualidade no Antigo Israel, sobre a fertilidade no Próximo Oriente em geral e sobre a sexualidade na Mesopotâmia. Sentimos falta de um estudo sobre a problemática no Antigo Egípto, havendo especialistas, como L. Manniche, por exemplo, que facilmente o poderia ter produzido para este efeito. Por outro lado, o estudo sobre as parafilias e sua representação parece-nos da maior importância e pertinência.

A segunda parte, *Archaic, Classical and Hellenistic Greece*, conta com treze contributos (facto em que de imediato se percebe o referido desequilíbrio relativamente ao tratamento das matérias do mundo próximo-oriental), dos quais destacamos os trabalhos de A. Blanshard e A. Lear (que trazem de novo à colação as problemáticas da pederastia e da homossexualidade na Grécia Antiga), S. Goldhill (sobre a prostituição), M. C. Cyrino (sobre *eros* no *Hipólito* de Eurípides), K. L. Gaca (sobre a sempiterna relação entre guerra e sexualidade) e J. Robson (sobre o igualmente perene Aristófanes e os usos que o dramaturgo faz do sexo nos seus escritos).

A terceira parte, *Republican, Imperial and Late-Ancient Rome*, apresenta doze estudos, ao nível, portanto, do que é oferecido para a Grécia Antiga, encontrando-se nela estudos que vão das percepções da pederastia na Roma Antiga (A. Richlin) ao epigrama erótico (S. D. Smith), passando pela problemática da representação da disfunção erétil (excelente abordagem de J. P. Hallett), à semântica lexical da sexualidade (C. Williams).

Acaba por ser um pouco frustrante que uma obra desta envergadura não contenha um *index locorum* que auxilie o investigador no seu manuseio. Efectivamente, o livro merecia-o. Mas a qualidade dos textos é elevadíssima e só podemos congratular os autores e os editores por a terem posto à nossa disposição.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

MARKE AHONEN (2014), *Mental Disorders in Ancient Philosophy*. (Studies in the History of Philosophy of Mind 13), Heidelberg, Springer, 265 pp. ISBN 9783319034300 (129.00\$)

O presente livro expõe de forma organizada e clara os distúrbios mentais, ou aquilo que era considerado como tal, na antiguidade clássica. Marke Ahonen aborda as questões do foro psicológico partindo de fontes escritas pelos filósofos, desde Platão até à antiguidade tardia. Podemos dividir o estudo em questão em duas partes principais. A primeira parte consiste